Componente curricular: GEOGRAFIA

8º ano – 4º bimestre

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 12 – Em busca de histórias e paisagens vívidas

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Conhecer um pouco mais sobre os aspectos da memória africana contada por griots.

Escutar histórias e memórias de vida de algum trabalhador da escola.

Desenhar, com base em histórias e memórias escutadas, paisagens vívidas.

OBJETOS DE CONHECIMENTO

Identidades e interculturalidades regionais: Estados Unidos, América espanhola e portuguesa e África.

HABILIDADES

(EF08GE20) Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valoração na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.

PLANEJAMENTO DAS AULAS

Aulas previstas: 4

Aula 1

**Objetivo das aulas:** leitura de texto e discussão.

**Materiais específicos necessários:** uma cópia do texto por estudante / dicionário / atlas.

**Organização dos estudantes:** semicírculo.

**Etapas de desenvolvimento:**

* Professor, para esta sequência didática será preciso selecionar uma ou duas pessoas, de preferência que trabalhem na escola, para contar histórias e memórias de vida aos estudantes (na aula 2). Para tanto, será preciso que você converse com essas pessoas e faça o convite, contextualizando os objetivos: que os estudantes compreendam que uma escuta ativa é também caminho possível para desenvolvimento do raciocínio geográfico e acadêmico de modo geral.
* Considere entregar uma cópia do texto para essas pessoas. Escolha uma ou duas pessoas levando em consideração a disponibilidade para contar suas histórias e memórias e a pertinência para o que tem sido desenvolvido ao longo do ano letivo com os estudantes: a ideia é que esse momento desperte interesse nos estudantes para estudarem países ou cidades específicas, como sugere a competência aqui trabalhada. Não serão, portanto, as histórias que trabalharão a competência, mas a competência será trabalhada com base nessas histórias: a experiência despertando interesse e aproximando estudante-conteúdos-

-conhecimentos.

* Trabalhar o texto a seguir em uma leitura coletiva. A sugestão é que o professor leia e a cada parágrafo abra espaço para dúvidas e questionamentos. Cada estudante deverá estar com o dicionário e o atlas, para eventuais consultas sobre os sentidos possíveis para palavras do texto e para localizar a região mencionada nele.
* Explicar que o trecho selecionado é o prólogo do livro, um depoimento do autor no qual conta aspectos gerais da denominada "tradição africana", lembrando que o objeto de conhecimento trabalhado nesta sequência didática refere-se a identidades.

A MEMÓRIA AFRICANA. Muitos amigos que leram o manuscrito mostraram-se surpresos. Como é que a memória de um homem de mais de oitenta anos é capaz de reconstruir tantas coisas e, principalmente, com tal minúcia de detalhes? É que a memória das pessoas de minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem. Tudo lá estava nos menores detalhes: o cenário, as palavras, os personagens e até suas roupas. Quando descrevo o traje do primeiro comandante de circunscrição francês que vi de perto em minha infância, por exemplo, não preciso me “lembrar”, eu o vejo em uma espécie de tela de cinema interior e basta contar o que vejo. Para descrever uma cena, só preciso revivê-la. E se uma história me foi contada por alguém, minha memória não registrou somente seu conteúdo, mas toda a cena – a atitude do narrador, sua roupa, seus gestos, sua música e os ruídos do ambiente, como os sons da guitarra que o griot Diêli Maadi tocava enquanto Wangrin me contava sua vida, e que ainda escuto agora...

Quando se reconstitui um acontecimento, o filme gravado desenrola-se do começo ao fim, por inteiro. Por isto é muito difícil para um africano de minha geração “resumir”. O relato se faz em sua totalidade, ou não se faz. Nunca nos cansamos de ouvir mais uma vez, e mais outra a mesma história! Para nós, a repetição não é um defeito.

CRONOLOGIA. Como a cronologia não é uma grande preocupação dos narradores africanos, quer tratem de temas tradicionais ou familiares, nem sempre pude fornecer datas precisas. Há sempre uma margem de diferença de um a dois anos para os acontecimentos, salvo quando fatores externos conhecidos me permitiam situá-los. Nas narrativas africanas, em que o passado é revivido como uma experiência atual de forma quase intemporal, às vezes surge certo caos que incomoda os espíritos ocidentais. Mas nós nos encaixamos perfeitamente nele. Sentimo-nos à vontade como peixes num mar onde as moléculas de água se misturam para formar um todo vivo.

ZONA DE REFERÊNCIA. Quando se fala da “tradição africana”, nunca se deve generalizar. Não há uma África, não há um homem africano, não há uma tradição africana válida para todas as regiões e todas as etnias. Claro, existem grandes constantes (a presença do sagrado em todas as coisas, a relação entre os mundos visível e invisível e entre os vivos e os mortos, o sentido comunitário, o respeito religioso pela mãe etc.), mas também há numerosas diferenças: deuses, símbolos sagrados, proibições religiosas e costumes sociais delas resultantes variam de uma região a outra, de uma etnia a outra; às vezes, de aldeia para aldeia.

As tradições a que me refiro nesta história são, de maneira geral, as da savana africana que se estende de leste a oeste ao sul do Saara (território que antigamente era chamado Bafur), e particularmente as do Mali, na área dos fulatucolor e bambara onde vivi.

SONHOS E PREVISÕES. Outra coisa que às vezes incomoda os ocidentais nas histórias africanas é a frequente intervenção de sonhos premonitórios, previsões e outros fenômenos do gênero. Mas a vida africana é entremeada deste tipo de acontecimentos que, para nós, são parte do dia-a-dia e não nos surpreendem de maneira alguma. Antigamente, não era raro ver um homem chegar a pé de uma aldeia distante apenas para trazer a alguém um aviso ou instruções a seu respeito que havia recebido em sonhos. Feito isto, simplesmente retornava, como um carteiro que tivesse vindo entregar uma carta ao destinatário. Não seria honesto de minha parte deixar de mencionar este tipo de fenômenos no decorrer da história, porque faziam - e sem dúvida, em certa medida ainda fazem - parte de nossa realidade vivida.”

BÂ, Amadou Hampâté*. Amkoullel, o menino fula.* Tradução Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003, p. 13-15.

* Destacar os pontos nos quais o autor contrasta a tradição africana com o pensamento ocidental.
* Solicitar aos estudantes que registrem uma síntese das discussões e reflexões realizadas na aula.
* Explicar que na próxima aula uma pessoa (ou duas, a depender da circunstância) virá para contar suas histórias e memórias de vida. A ideia não é reproduzir ou representar a tradição africana, mas inspirada nela dar oportunidade para que o conhecimento emerja de experiências contadas por pessoas com mais idade.

Aula 2

**Objetivo da aula:** escutar histórias e memórias.

**Materiais específicos necessários:** não é necessário nenhum material específico.

**Organização dos estudantes:** semicírculo.

**Etapas de desenvolvimento:**

* Considerar a possibilidade de todos sentarem-se no chão, criando uma atmosfera propícia para ouvir histórias e também para fluir uma conversa menos formal e mais espontânea.
* Contextualizar de modo breve a sequência didática e os objetivos e deixar as histórias e memórias fluírem, deixando mais para o final da aula que os estudantes façam perguntas.
* Não será preciso registrar nada por escrito nesse momento, a ideia é acolher as histórias e memórias com uma escuta atenta e ativa.
* Se não for possível trazer uma pessoa para contar sua história, sugerimos o acesso às imagens e aos aspectos da cultura africana apresentados no livro *África em Artes*, de Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua e Renato Araújo da Silva, disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/africa_em_artes.pdf>>, acesso em 10 set. 2018.

Aula 3

**Objetivo da aula:** refletir sobre as histórias ouvidas e as paisagens reveladas / planejamento da produção coletiva da próxima aula.

**Materiais específicos necessários:** texto entregue na primeira aula.

**Organização dos estudantes:** semicírculo.

**Etapas de desenvolvimento:**

* Iniciar com os estudantes comentando sobre a aula passada, as impressões, a relação com conteúdos já trabalhados, os aspectos mais específicos das histórias e memórias compartilhadas.
* Retomar o texto e as anotações feitas na primeira aula, buscar diferenças e semelhanças entre o texto e a história e entre o ato de ler e o ato de escutar enquanto caminhos para o conhecimento.
* Pedir aos estudantes que registrem no caderno, em tópicos, os aspectos das histórias contadas: lugares mencionados, paisagens descritas, aventuras e desventuras, situações de migrações ou afins. Compartilhar coletivamente os registros e garantir que todos tenham as anotações escritas.
* Explicar que na próxima aula todos produzirão uma imagem coletiva, na qual são retratados aspectos das histórias e memórias compartilhadas, além de eventuais pesquisas que os estudantes podem fazer, em casa, para juntar o que ouviram com o que pesquisaram, aproximando a tradição oral e o pensamento ocidental sistematizado.
* Assim, cada estudante deverá preparar/esboçar o que desenhará, registrando o esboço no caderno.

Aula 4

**Objetivo da aula:** desenhar coletivamente as histórias e as paisagens vívidas.

**Materiais específicos necessários:** papel *kraft* extenso longitudinalmente / lápis de cor e canetinhas coloridas / tinta guache / pincéis.

**Organização dos estudantes:** semicírculo / todos juntos entorno do papel *kraft*.

**Etapas de desenvolvimento:**

* Retomar aspectos gerais do trabalho e pedir aos estudantes que digam, de modo sucinto, o que pensaram em relação à produção.
* Tecer comentários gerais e iniciar a produção: o papel *kraft* estendido no chão e os estudantes em torno dele, desenhando o que planejaram.
* A ideia é que a imagem não obedeça a uma linha do tempo cronológica como conhecemos, lembrando o texto nesse sentido. E também que seja um mosaico de histórias e memórias, palavras e conteúdos pesquisados, tal qual muitas vezes sentimos em nossas mentes. Nesse sentido, a finalização da sequência didática abre-se para uma reflexão sobre o conhecer e sobre o papel do conhecimento no mundo contemporâneo, permitindo que os estudantes se aproximem da África enquanto continente que alberga outros modos de pensar e habitar a Terra.

AVALIAÇÃO FINAL DAS ATIVIDADES REALIZADAS

Avaliação geral

Avaliação geral das atividades

* A avaliação dos estudantes deve ser realizada de modo contínuo, em todas as aulas, observando o desempenho individual e em grupos, atento aos modos de participação e desenvolvimento da postura de estudante. O professor pode elaborar, ao longo das aulas, um glossário com nomes e termos mais importantes da sequência didática, pedindo aos estudantes que utilizem os dicionários. Em um primeiro momento, esse glossário pode ser feito coletivamente e sob orientação do professor.

1. Identifique a localização dos povos em relação aos atuais países africanos.

*a) Com consulta ao atlas, espera-se que os estudantes possam conhecer mais detalhadamente os países africanos, a localização e os nomes, e os povos que vieram ao Brasil no contexto da escravidão;*

1. Escolha um dos povos e pesquise mais sobre ele, enfatizando a relação dele com o Brasil, isto é, a vivência e a sobrevivência do povo e de seus costumes em terras brasileiras.

*b) Espera-se que os estudantes escolham com base em proximidades afetivas ou curiosidade com o nome; contudo, a ideia é contribuir para a quebra de estereótipos por meio do conhecimento. Pode-se considerar sugerir pesquisas sobre o povo "Ioruba", cujas heranças até hoje são bastante presentes no Brasil.*

AUTOAVALIAÇÃO

Sugestão de itens a serem avaliados pelos estudantes, preferencialmente com as atividades corrigidas em mãos, além do caderno. O professor pode optar por dois caminhos: cada estudante responde individualmente para depois compartilhar; todos os estudantes sentados em semicírculo, o professor comenta cada item, ouve alguns estudantes e depois disso cada estudante assinala. É importante que o estudante tenha clareza no que é esperado em cada atividade/situação didática, assim como compreender que esta autoavaliação refere--se a questões atitudinais também.

* Compreender, com base no texto, os aspectos da tradição oral africana.
* Escutar atentamente as histórias e as memórias compartilhadas.
* Estabelecer comparações entre diferentes modos de conhecer a realidade.
* Produzir imagem coletiva por meio das discussões, leituras, escutas e pesquisas.
* Registrar no caderno as etapas realizadas nesta sequência didática.
* Contribuir para o bom funcionamento dos trabalhos.
* Utilizar o dicionário e o atlas, quando necessários, para aprofundar o conhecimento.
* Escutar atentamente os colegas e falar de acordo com um pensamento organizado.

Fontes de consulta

Seguem algumas sugestões de materiais relativos a esta sequência didática, que tanto podem ser trabalhados em sala de aula como usados pelo professor para aprofundar seus estudos sobre o tema:

KIRIKU e a feiticeira. *Geledes*. Disponível em:<<https://www.geledes.org.br/kiriku-e-feiticeira/>>. Acesso em: 7 out. 2018.

MACHADO, Regina. *A arte da palavra e da escuta*. Colagens de Adriana Peliano. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MUSEU Afrobrasil. *África em artes.* Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publicações/africa_em_artes.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2018.